

ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO E DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: UM ESTUDO RELACIONAL

Renata Gomes Camargo*
Soraia Napoleão Freitas**

Resumo: Abordar características como Altas Habilidades/Superdotação e Dificuldades de Aprendizagem impõe o desafio, ao pesquisador, de refletir de forma relacional sobre as implicações pedagógicas destas para os alunos que as apresentam. Este artigo abordou a referida relação, a partir de um estudo de caso de um menino de 12 anos, que apresentava ambas as características, partindo-se de uma abordagem qualitativa da pesquisa e por instrumento a entrevista semiestruturada realizada com o aluno e sua professora no segundo semestre de 2010. Os resultados mais significativos da pesquisa se relacionam à percepção sobre as diferentes expressões que a inteligência dos alunos com Altas Habilidades/Superdotação podem assumir e que se estimuladas na sala de aula podem ser qualificadoras das suas aprendizagens.

Palavras-chave: Altas Habilidades/Superdotação. Dificuldades de Aprendizagem. Interação.

High Skills/Giftedness and Learning Disabilities: a relational study

Abstract: Addressing characteristics as High Skills/Giftedness and Learning Disabilities requires the researcher to reflect the challenge of relational form on the implications for teaching these students that show. This article addressed the relationship that, from a case study of a 12 year old boy who had both features, starting with a qualitative research tool and a structured interview conducted with the student and their teacher in second half of 2010. The most significant results of

* Professora de Educação Especial; Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria; membro do Grupo de Pesquisa Educação Especial: Interação e Inclusão Social; re_kmargo@hotmail.com

** Professora Doutora do Departamento de Educação Especial/Universidade Federal de Santa Maria e do Programa de Pós-graduação em Educação; líder do Grupo de Pesquisa Educação Especial: Interação e Inclusão Social; Av. Roraima, 1000, Camobi, Santa Maria, RS, 97105-900; soraianfreitas@yahoo.com.br

the research are related to the perception of the different expressions that intelligence of students with High Skills/Giftedness can take that and encouraged in the classroom can be qualifying their learning.

Keywords: *High Skills/Giftedness. Learning Disabilities. Interaction.*

1 INTRODUÇÃO

Refletir sobre temas distintos de forma relacional é sempre um desafio para o pesquisador, pois este deve contemplar as aproximações entre assuntos que por vezes parecem totalmente distintos. Nesse sentido, para este artigo, propõe-se um estudo sobre Dificuldades de Aprendizagem (DA) e Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD), por meio da experiência vivida com um aluno que apresenta ambas as características, à primeira vista, divergentes.

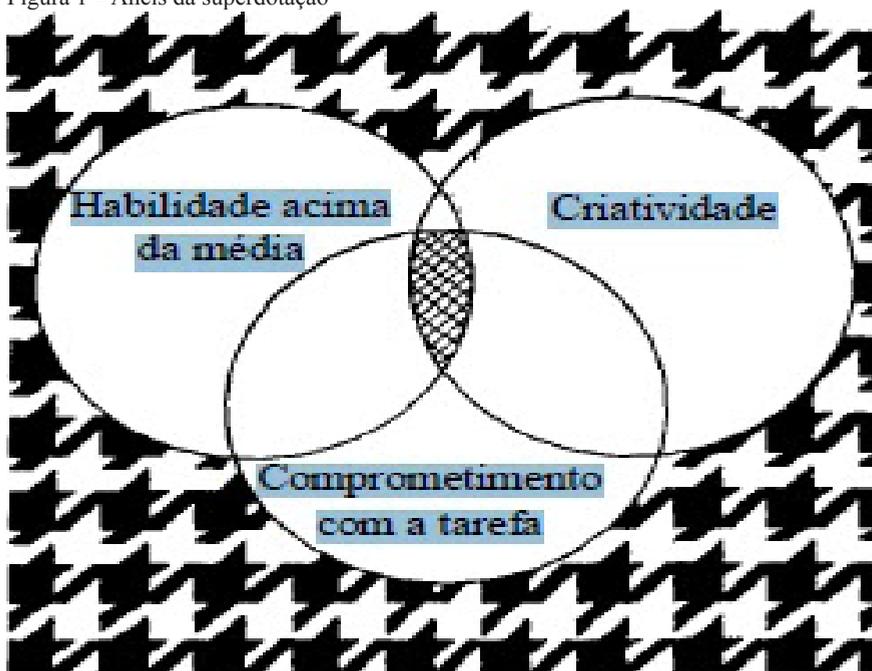
Relacionar implica definir o que se pretende abordar nessa relação, assim, primeiramente, vai-se especificar qual o entendimento sobre cada um dos temas que serão discutidos neste artigo.

Inicialmente, destaca-se o estudo de Rotta (2006, p. 117), que conceitua as DA como “[...] um termo genérico que abrange um grupo heterogêneo de problemas capazes de alterar as possibilidades de a criança aprender, independentemente de suas condições neurológicas para fazê-lo.”

Da mesma forma, apresenta-se o conceito de AH/SD de Renzulli (2004), a partir da sua Teoria dos Três Anéis de Superdotação, com base na qual os sujeitos com AH/SD são aqueles que apresentam em seu comportamento a interação entre três grupos básicos dos traços humanos: habilidades gerais ou específicas acima da média, elevados níveis de comprometimento com a tarefa e elevados níveis de criatividade, permeados pela influência do ambiente.

Para uma melhor visualização da interação entre os três comportamentos citados, é apresentada a Figura 1:

Figura 1 – Anéis da superdotação



Fonte: Blog Elaine Atendimento Educacional Especializado.

Após a apresentação dos conceitos-chave da elaboração deste artigo, aponta-se a discussão central deste trabalho, com base na afirmação que as DA em alunos com AH/SD podem ser evidenciadas, entre outros aspectos, pela dificuldade de expressão de uma alta capacidade em ambiente escolar. Assim, o presente artigo tem por objetivo apresentar algumas possíveis relações entre DA e AH/SD, tendo por subsídio a vivência com um aluno que apresenta ambas as características, ao elaborar uma reflexão sobre a expressão das AH/SD na escola e DA.

Em um processo realizado por um projeto de pesquisa no ano de 2010, o referido aluno foi identificado com características de AH/SD e iniciou sua participação no projeto de extensão, para o qual os alunos são encaminhados ao final do processo de identificação realizado pelo projeto de pesquisa.

Ambos os projetos são vinculados a uma Instituição Pública de Ensino Superior do Estado do Rio Grande do Sul; por meio das ações destes é que foi possível conhecer o aluno, bem como realizar a pesquisa com ele.

Entre as considerações mais importantes se tem a discussão sobre as diferentes expressões dos conhecimentos dos alunos com AH/SD, podendo ser propulsoras de

DA se não bem apreciadas na sala de aula, ou ao contrário, qualificadoras da utilização e aplicação do potencial destes alunos, aspectos que serão refletidos neste artigo.

A metodologia da pesquisa utilizada neste artigo partiu da abordagem qualitativa; utilizaram-se por base dados obtidos em entrevista semiestruturada (GIL, 2010), realizada com um aluno com AH/SD e DA e com a sua professora no ano de 2010, elegendo os trechos relacionados à expressão das AH/SD na escola para a elaboração deste trabalho.

A entrevista abordou aspectos, como: entendimento sobre AH/SD e DA, fatores motivadores e não motivadores à aprendizagem, possibilidades de mudanças na escola, habilidades acima da média e sua expressão. Aspectos relacionados ao último fator é que serão discutidos neste trabalho.

No artigo, o aluno em questão foi nomeado pela letra J, é do sexo masculino, tinha 12 anos e cursava o 5º ano do ensino básico fundamental no ano de 2010, quando se realizou a investigação.

Esta investigação foi motivada, entre outros fatores, pela inquietude da mãe ao relatar em conversa no projeto de extensão, que, apesar de o menino ter um grande potencial e demonstrar muito interesse pela pesquisa e expressão dos seus conhecimentos, J apresentava DA na escola, sendo a mãe chamada constantemente para conversar com a professora sobre seu desenvolvimento nesse espaço.

2 OLHARES SOBRE A APRECIÇÃO DA EXPRESSÃO DAS ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO E AS IMPLICAÇÕES DESTA NAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

A discussão sobre a expressão das AH/SD e sua relação com um possível melhor aproveitamento desta, em prol da apreciação do potencial do aluno e qualificação da sua aprendizagem na escola, apresenta-se com grande relevância nos debates na área educacional, isso porque a diversidade presente na expressão das AH/SD é imensa e pode ser visualizada por meio da Teoria das Inteligências Múltiplas (1994). Nesta, Gardner (1994) descreve oito inteligências múltiplas: Linguística, Lógico-matemática, Espacial, Cinestésico-corporal, Musical, Interpessoal, Intrapessoal e Naturalista.

Logo, a utilização das ideias deste autor como embasamento principal deste artigo se justifica pela relevância da sua produção no que diz respeito a uma ampliação de olhares sobre a complexidade da inteligência humana, logo sobre as AH/SD que se relacionam à(s) habilidade(s) acima da média, campo no qual a discussão, por

vezes, fica limitada a potenciais intelectuais em determinadas áreas do conhecimento, podendo, assim, gerar uma supervalorização de algumas em detrimento das demais.

Gardner (2000) afirma que na inteligência não há uma hierarquia, o que se reflete na manifestação desta em habilidades, quando mostra que elas podem assumir diversas formas com suas especificidades, como se apresenta a seguir pela breve explicação de como se constitui cada uma das inteligências e/ou diferentes capacidades; todas as pessoas as possuem, porém, em níveis de desenvolvimento/funcionamento e combinações distintas em cada pessoa. As oito inteligências são descritas por Gardner (1994) da seguinte maneira:

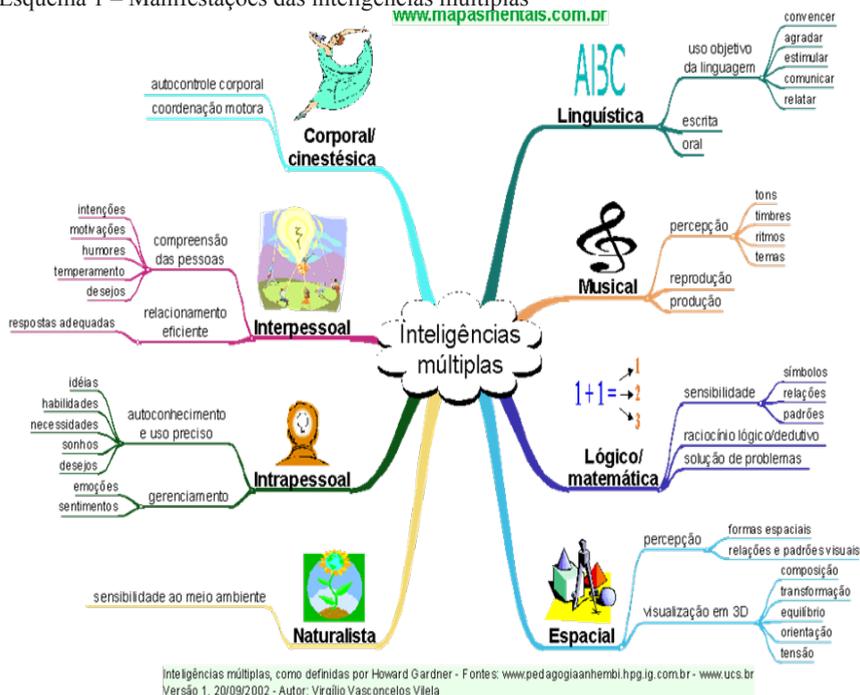
- a) Lógico-matemática: as pessoas com esta inteligência em destaque têm facilidade para o cálculo, por perceber a geometria nos espaços. Exemplos de atividades relacionadas a tal inteligência podem ser a resolução de quebra-cabeças, que requer pensamento lógico ou inventar problemas. A criança que se sobressai nesta inteligência tem uma capacidade de abstração mais rápida, ou seja, faz cálculos mentais e não precisa tanto do auxílio concreto, como a maioria das crianças;
- b) Linguística ou verbal: destaca-se a facilidade com o uso das palavras. Aquele que apresenta esta inteligência mais exacerbada é bastante imaginativo e geralmente deseja passar o que foi imaginado para o papel, pode ser comunicativo e ter um vocabulário rico. Narra os fatos com precisão e detalhes. É a inteligência relacionada aos escritores, poetas, oradores e políticos;
- c) Cinestésico-corporal: é a capacidade de expressão por meio do corpo. As pessoas que desenvolvem mais esta inteligência usam o corpo de forma hábil e diferenciada. É a capacidade de trabalhar qualificadamente com objetos que envolvem a motricidade dos dedos ou o uso integral do corpo, por exemplo, atores, atletas e artesãos;
- d) Espacial: capacidade de perceber formas e objetos mesmo vistos de ângulos diferentes. Elaborar e utilizar mapas, plantas ou outras formas de representação, são exemplos de atividades relacionadas a esta inteligência. Facilidade em se localizar no mundo visual com precisão. Inteligência que astrônomos e marinheiros apresentam em destaque;
- e) Musical: facilidade em analisar sons diferentes, perceber as características de sua intensidade, captar sua direcionalidade, entre outros aspectos. As pessoas que desenvolvem mais esta inteligência

identificam com clareza o tom ou a melodia, o ritmo ou a frequência e o agrupamento dos sons;

- f) Intrapessoal: capacidade de autoestima, automotivação. A pessoa que tem esta inteligência mais aguçada sabe lidar com as próprias emoções, e, a partir disso, apresenta um grande conhecimento de si e usa isso para a construção do bem-estar tanto pessoal quanto social;
- g) Interpessoal: a pessoa que desenvolve mais esta inteligência tem grande capacidade de se colocar no lugar dos outros, compreender com facilidade as outras pessoas;
- h) Naturalista: pessoas com esta inteligência mais desenvolvida possuem uma atração pelo mundo natural, sensibilidade para identificar elementos presentes nas paisagens e até um sentimento de fascínio diante da natureza. Exemplos de pessoas com esta inteligência em destaque são os jardineiros e os biólogos.

No Esquema 1, pode ser visualizada a complexidade das expressões das inteligências múltiplas:

Esquema 1 – Manifestações das inteligências múltiplas



Fonte: Mapas Mentais.

Essas questões precisam ser observadas nos processos educacionais dos estudantes com AH/SD, considerando o seu direito de terem acesso a atividades educacionais que visem contemplar as singularidades de cada estudante com AH/SD. Podem atender às suas especificidades, entre estas, aquelas relacionadas à complexidade da inteligência à qual suas AH/SD estão mais relacionadas.

Além das diversas configurações que a inteligência humana pode vir a se manifestar de forma mais ou menos expressiva, nas pessoas com AH/SD, existe um fator presente na sua caracterização que diferencia e expande ainda mais as possibilidades dessa expressão: a criatividade. Segundo Nakano e Wechsler (2007), a criatividade é entendida pela habilidade de elaborar diferentes e/ou novas soluções para problemas, criar produtos significativos e contributivos para si e/ou para a sociedade e ver novas maneiras e conexões para ideias anteriormente construídas.

Percebeu-se, no estudo de caso apresentado neste artigo, que o espaço da sala de aula pouco contribuiu para a expressão das AH/SD do aluno J, o que era demonstrado pela sua interação e participação em sala de aula deficitária. Nesse sentido, é importante destacar as duas questões que seguem.

A primeira é que apresentar DA não significa ter um baixo potencial para aprender, pelo contrário, evidencia-se, na maioria das vezes, em pessoas sem prejuízos nesse fator. Assim, é possível que esta seja evidenciada em alunos com AH/SD que encontram pouco respaldo para a manifestação e a utilização do seu potencial em sala de aula:

Assim sendo, o aluno com DA é um aluno com um potencial para a aprendizagem médio, ou acima da média, sendo este aspecto um factor de grande importância a transmitir-lhe no sentido de o ajudar a situar-se e a compreender as suas áreas fortes e necessidades educativas. (CORREIA, 2004, p. 369).

Segundo Rotta (2006, p. 117), “Os fatores envolvidos nas dificuldades para a aprendizagem podem ser divididos em: fatores relacionados com a escola, fatores relacionados com a família, fatores relacionados com a criança.” Este conceito ajuda a entender a segunda questão: a DA de J, que envolvia aspectos referentes à escola e a si mesmo.

Ao pensar na supra-afirmação, explica-se que a DA de J estava mais relacionada às questões de mediação e interação, pois o aluno interagiu minimamente com a professora e os colegas, uma vez que se sentia pouco instigado a ser mais participativo nas aulas, ficando à margem de muitas atividades, buscando

em outros espaços da escola contemplar a sua aprendizagem, especialmente na biblioteca, onde conseguia se envolver na atividade de leitura, ficando na maioria dos dias todo o tempo do intervalo nesse ambiente.

A professora apresentou, na sua fala, que sabe quais as áreas de maior interesse de J, porém, percebe-se que pouco estava buscando promover expressão destas, que ainda apresentam maior amplitude e complexidade pela característica da criatividade; se ela considerasse as características de AH/SD poderia facilitar a aprendizagem de J, bem como atenuar a sua DA:

Tem que ter um desafio maior né, porque, principalmente na área que ele tem esta facilidade. (Qual é a área?) Tu ta falando no aluno? (É, é sobre este.) Se é no aluno específico as altas habilidades dele é História e Geografia, ele gosta muito assim de ler coisas sobre Ciências também ele gosta, tudo que precisar ler e for uma coisa assim do mundo, mais abrangente, nada de problemas aqui, de jogar o lixo no chão, isso pra ele não é importante. (Professora) (informação verbal).

Uma introspecção, eles se fecham ou acabam se, como que eu diria assim, acabam atrapalhando né, porque eles têm, acham que já sabem tudo e acabam atrapalhando os demais que tem mais, quem têm um ritmo mais lento. (E na interação com os colegas?) Pois é o que eu disse, eles acabam se fechando, eles ficam introspectos, acabam achando que aquelas brincadeiras dos colegas já estão fora de época, eles se acham mais adultos que os outros, alguns né, não é. (Professora) (informação verbal).

O aluno J apresentava uma gama de conhecimentos diferenciados, em contrapartida, pouco encontrava meios e espaço na sala de aula para utilizá-los ou expressá-los. Isso foi o que apontou a necessidade de perceber como este desenvolve sua aprendizagem para ajudá-lo a atenuar até possivelmente extinguir a sua DA de ter raras oportunidades de demonstrar na escola as aprendizagens que realiza; nesse sentido, também se retoma a questão da criatividade, que traz inúmeras possibilidades de expressão as quais poderiam ser despertadas no aluno:

(E o que você gosta na escola, o que você mais gosta?) Uhm... (silêncio) as revistas ali da biblioteca. (Sobre o que são estas revistas?) Sobre curiosidade. (E por que você acha importante ler sobre curiosidades?) É porque esclarece um monte de dúvida. (Tu acha que pode fazer alguma coisa a partir disto ou não?) Sim, (silêncio). Bah não sei mais, sabe que gosto de juntar informação aleatória. (E o que tu faz com todas estas informações?) Só deixo guardada na minha mente, pra um dia se precisar, pra puxar conversa. (Aluno J). (informação verbal).

Assim, destaca-se também a concepção que se tem de aprendizagem, pois como a intensidade de expressão de cada inteligência é variável de pessoa para pessoa, logo a forma de aprendizagem também é singular:

Aprender não é copiar a realidade ou a informação externa sem alterá-la, mas sim, proceder a uma representação pessoal e única de tal realidade. Esta representação não ocorre no vazio, mas, sim, a partir dos conhecimentos anteriores, das experiências e motivações de cada pessoa, o que faz com que, em cada caso, o processo de aprendizagem seja único, sem condições de repetir-se. Aprender implica, portanto, atribuir sentido e construir significados em relação ao novo conteúdo objeto de aprendizagem, estabelecendo vínculos entre tal conteúdo e o que já sabemos. Esta construção pessoal de significados (ou reconstrução, do ponto de vista social) verifica-se com base nos significados construídos previamente. (BRASIL, 2003, p. 31).

Segundo a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, Brasil (2008), que nomeia a pluralidade existente na manifestação das AH/SD, pode-se refletir sobre as diferentes implicâncias suscitadas sobre a aprendizagem dessas pessoas:

Alunos com altas habilidades/superdotação demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes, além de apresentar grande criatividade, envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse. (BRASIL, 2008, p. 9).

Nesse sentido, a discussão realizada até então neste trabalho, visa, entre outros, ressaltar a importância de refletir sobre a influência da área de interesse do aluno com AH/SD sobre o desenvolvimento da sua aprendizagem.

As áreas de maior interesse são permeadas pela influência das interações estabelecidas no espaço da sala de aula, podendo ser meio para incentivar a demonstração das aprendizagens por J, por meio da sensibilização do mediador diante da sua criatividade e a diversidade de expressões que as AH/SD podem assumir, tomando esses aspectos como propulsores da qualificação das suas aprendizagens.

As diferentes formas de comunicar, pensando-se na expressão das inteligências múltiplas, podem estimular as possibilidades de interação na escola, porém, o aluno J tem dificuldade de expressar-se por meio delas, mas se fosse estimulado a fazê-lo seria muito interessante para a diminuição das suas DA, porque, como coloca Koch (1992), a linguagem pode assumir três principais concepções

diferentes: representação do mundo e do pensamento, ferramenta de comunicação ou lugar de ação ou interação.

Centrando-se na terceira e última concepção, percebe-se que no caso das AH/SD, a(s) forma(s) de comunicação que forem escolhidas para a expressão precisam ser valorizadas para que atinjam a finalidade de interação, por exemplo, a comunicação como interação a partir da inteligência espacial pode ser a construção de um objeto que represente a ideia elaborada pela pessoa, podendo ser propulsora de discussões e novas aprendizagens construídas de forma colaborativa:

A terceira concepção, finalmente, é aquela que encara a linguagem como atividade, como forma de ação, ação interindividual finalisticamente orientada; como lugar de interação que possibilita aos membros de uma sociedade a prática dos mais diversos tipos de atos. (KOCH, 1992, p. 9).

Independente das formas que as AH/SD venham a assumir, elas são a demonstração da diversidade e de que todos são capazes de aprender e demonstrar sua aprendizagem, porém, de maneiras singulares, que, por vezes, não são consideradas adequadas às exigências da escola, o que pode acabar por suprimir a interação e a expressão dos alunos com essa característica.

Um exemplo é uma situação citada na entrevista pelo aluno J, que escreve em letra bastão porque vê mais significância na leitura que na escrita, então, não importa a forma utilizada para o registro de informações, mas isso, muitas vezes, não é aceito pela escola.

A visualização das diferentes formas de comunicação que os alunos utilizam para apresentar seu conhecimento indica os distintos estilos de aprendizagem que cada um apresenta, ou seja, uma forma específica com a qual gostariam de aprender ou de serem ensinados em sala de aula e expressar sua aprendizagem, o que pode ajudar o professor a planejar suas aulas (YUS, 2002).

Dessa forma, enquanto alguns alunos preferem estudar somente por meio da leitura, outros precisam fazer resumos ou esquemas para entender o conteúdo, alguns gostam de conversar com os colegas sobre os assuntos que estão sendo estudados, outros preferem o silêncio e a individualidade, alguns de ouvir palestras ou ter aula teórica, enquanto outros aprender mediante experimentos ou jogos.

Gosto mais de ler do que escreve, é sério, como eu já disse pra mim vale mais a pena lê do que escreve, eu ainda escrevo naquela letra A, B, C..., mas em compensação leio bem bem rápido (Fala mais sobre Ciências). Leio bastante sobre o assunto, uso quando for útil, o que raramente acontece, porque as informações que eu guardo é do tipo [...]

Ah, lembrei de uma, os fantasmas diminuíram nos últimos quinze anos por causa dos celulares (Uhm, interessante). Não, não. É sério! Mais da metade das assombrações parou depois que têm celulares, então dá pra presumir alguma coisa. (Aluno J). (informação verbal).

Na fala do aluno J, entende-se que este se sente mais à vontade na leitura do que na escrita, logo poder-se-ia agir de forma a atenuar a sua DA permitindo que ele demonstrasse suas aprendizagens por meio da leitura, por exemplo, de pesquisas que considerasse importante compartilhar com os colegas, solicitando que construísse relações com algum conteúdo trabalhado em sala de aula, valorizando-o, por meio da apreciação das suas pesquisas e produções, impulsionadas pela criatividade e envolvimento com as tarefas de seu interesse. Assim, é extremamente importante:

Dar chances ao aluno para levantar questões, elaborar e testar hipóteses, discordar, propor interpretações alternativas, avaliar criticamente fatos, conceitos, princípios, idéias. Além disso, o professor deve ter uma atitude de respeito pelas questões levantadas, independentemente de serem elas banais e irrelevantes ou “Inteligentes” e bem-formuladas. (ALENCAR, 1992, p. 58).

Autores, como Virgolim (2007) comentam que a pessoa com AH/SD pode ter, ao longo do seu desenvolvimento, uma dissonância entre o seu potencial elevado e o seu desenvolvimento emocional e social relacionado aos comportamentos mais representativos e esperados para cada idade. Isso acontecia com J porque apresentava um comportamento diferenciado dos colegas, não se interessava mais pelas mesmas brincadeiras e atividades que eram de interesse dos colegas, dificultando a sua interação com eles, como é colocado pela professora:

[...] mas se é um aluno assim que nega trabalhar, que não, que nada chama atenção, que as pequenas coisas pra ele não são importantes aí se torna difícil né? (Que é o caso...) Que é o caso do aluno em questão. (Professora). (informação verbal).

J não visualizava alguém que pudesse compartilhar e trocar com ele informações do seu interesse ou até mesmo que conseguisse ter uma interlocução significativa para conversar.

Então, pode-se pensar que as formas de expressão que escolhia e se sentia mais motivado para demonstrar e discutir seus conhecimentos não estavam encontrando o respaldo desejado. Essa situação poderia ser modificada se a professora, entre outras ações, visse que essas expressões poderiam assumir diversas

configurações, como a construção de uma maquete de um experimento de ciências que era a disciplina mais apreciada por J, estimulando a ele e aos seus colegas a interagirem, partindo de uma proposta diferenciada de apreciação do conteúdo, motivando-os à discussão de conhecimentos.

Uma possível alternativa interessante para instigar a interação seria estimular mais os alunos a verem nela a possibilidade de aprender com o outro, assim, os colegas poderiam buscar naquilo que J pesquisava, informações que os ajudassem no desenvolvimento da sua aprendizagem, e vice-versa, contemplando a criatividade por meio da concessão de espaço e abertura à interlocução e construção de experiências com os colegas, o que proporcionaria, assim, “Criar um ambiente de respeito e aceitação mútuas, onde os alunos possam compartilhar, desenvolver e aprender tanto uns com os outros e com o professor, como também independentemente.” (ALENCAR, 1992, p. 58).

A apreciação que J tem sobre cada disciplina ficou muito evidente em falas suas e da professora, subsídios passíveis de várias análises que se vão construir após a apresentação dos trechos a seguir selecionados das entrevistas:

Se é no aluno específico as altas habilidades dele é história e geografia, ele gosta muito assim de ler coisas sobre, ciências também ele gosta, tudo que precisar ler e for uma coisa assim do mundo. (Professora). (informação verbal).

Ããã, as que não envolvem matemática ou escrever. (Por que tu não gosta de escrever?) Não sei, é estranho, é que eu só escrevo naquela letra A, B, C (escreve na mesa em letra bastão), daí a, pra mim, eu só escrevo pra lê depois e como eu nunca vou reler meus cadernos. (E a disciplina que você mais gosta?) Ciências, porque é a matéria em que eu mais me dou bem, às vezes até corrijo a professora. (Aluno J). (informação verbal).

[...] é que, Uhm, não sei, parece que eu tenho uma espécie de horror à matemática, é estranho, parece que eu e a matemática quando tamo perto nos repelimo, “quãin”. (Aluno J). (informação verbal).

Quando se pensa na fala do aluno, que coloca o seu distanciamento da matemática e aproximação e interesse pelas ciências e outras áreas apontadas pela professora como Geografia e História, poder-se-ia buscar formas transdisciplinares de ensino e trabalho. Isso no intuito de que, por meio das áreas de maior interesse do aluno e facilidade de expressão nas áreas supracitadas, desencadear o interesse pela matemática, uma vez que esta área acadêmica sempre estará presente na sua trajetória escolar.

É importante destacar o fato de que os alunos com AH/SD têm tendência a querer realizar somente as atividades voltadas para a(s) sua(s) área(s) de interesse/afinidade, porém, é importante estimular a compreensão de que ele precisará também estar vivenciando experiências nas demais áreas, porque em ações e exigências vigentes na sociedade esses conhecimentos vão ser solicitados e precisam estar preparados para enfrentar tais situações.

Apesar de as áreas serem diferentes, nas atividades relacionadas a uma ou outra, pode-se buscar a consonância existente entre elas, com ênfase na articulação entre os saberes e a vinculação destes em um assunto comum (YUS, 2002).

Tanto J quanto a professora citam a disciplina Ciências como a área de interesse do aluno. Tomando esta, por exemplo, pode-se fazer a apreciação de grande parte das áreas de diferentes expressões da inteligência, entre estas: trabalho com números e sua expressividade no dia a dia, leitura e escrita, experiências, construção de objetos, etc.

Portanto, considera-se que iniciando um trabalho pela via de maior interesse e facilidade de expressão do aluno com AH/SD e DA, pode-se auxiliar nas aprendizagens relacionadas às demais áreas do conhecimento, bem como estimulá-lo a buscar a interação com os colegas instigada pelo trabalho transdisciplinar que une em um eixo temático muitas possibilidades de estudo, uma vez que os outros alunos possivelmente apresentam áreas de interesse diferentes da sua.

Dessa forma, contribuir-se-ia concomitantemente para a apreciação das suas AH/SD pela valorização dos seus conhecimentos e áreas de interesse, e ainda favoreceria a sua interação com os colegas, aspecto que estava deficitário na época de realização de pesquisa, gerando a DA do aluno J, o qual raramente participava das atividades em sala de aula, logo, tornando suas aprendizagens pouco significativas nesse espaço.

3 CONCLUSÃO

Verifica-se que a interação das diferentes inteligências pode ser valorizada, pensando em gerar benefícios para a aprendizagem do aluno. Entre estas, a leitura, habilidade mais relacionada à inteligência linguística, é a forma pela qual o aluno J se envolve com as tarefas de seu interesse, podendo ser meio inicial instigante das aprendizagens nas áreas que não aprecia tanto.

Nesse sentido, pode-se pensar em atividades que contemplem a transdisciplinaridade, em que várias disciplinas se associam totalmente em torno de um tema

amplo, integrando as diferentes áreas do conhecimento para tornar as aprendizagens realizadas em sala de aula significativas e instigantes para o aluno, acessando-o por meio das áreas nas quais tem maior interesse e facilidade de expressão.

Na fala da professora quanto às estratégias metodológicas possíveis para atender às necessidades educacionais especiais do aluno, destaca-se que este estava pouco disposto a realizar as atividades. Em contrapartida, aponta-se a importância da organização do espaço da sala de aula relacionada ao ato de instigar a expressão da criatividade dos alunos com AH/SD. Expressando sua criatividade, no caso do aluno J, estar-se-ia atuando com vistas a auxiliá-lo na demonstração das suas aprendizagens, fato que estava desencadeando a sua DA, ajudando no despertar do seu desejo por interagir e participar em sala de aula.

Além disso, pensa-se que o professor, ao reconhecer que na sua sala de aula existem alunos com AH/SD, precisa proporcionar o aumento das chances de estes desenvolverem suas habilidades de pensamento criativo de forma mais completa, ou seja, desenvolvendo ideias e produtos que realmente venham a ter impacto nos outros e a causar mudanças.

Essa ação, em outras palavras, poderia gerar a minimização e até a extinção da DA de J, pois ao criar produtos, ele estaria demonstrando e qualificando as suas aprendizagens; e, para contemplar as exigências do ensino formal, poderia ser solicitada pela professora que a realização dessa produção tivesse ligações e apreciação dos conteúdos trabalhados em sala de aula, acrescidos daquilo que o aluno estava buscando extraclasse, contemplando também a valorização daquilo que é proporcionado pelas características relacionadas à sua AH/SD.

O estudo de caso realizado permitiu verificar a importância da interação para instigar e ampliar a aprendizagem dos alunos com AH/SD na escola, que se não está sendo contemplada de forma significativa, para além de não possibilitar a expressão e a utilização das diferentes formas de expressão do seu potencial, pode ser propulsora do aparecimento de DA na sua trajetória escolar.

Dessa forma, fica a reflexão de que a promoção de um ensino de qualidade vai muito além do conhecimento, de alternativas metodológicas e de apoio; envolve de forma especial a interação e as relações presentes neste, que são mais difíceis de serem sistematizadas, pois sofrem a influência da singularidade de cada pessoa.

Ainda, o estudo de caso discutido pode ser ampliado à reflexão das possíveis situações semelhantes apresentadas por outros alunos com AH/SD e DA, relacionadas à dificuldade de expressão do seu potencial na escola. Isso porque, ao longo do texto, foram sendo apresentadas diversas possibilidades de intervenção,

visando contribuir para a diminuição ou extinção das DA, tornando a expressão das ações relacionadas aos diferentes tipos de inteligência, o que pode ser fator qualificador da interação.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, E. M. L. S. de. **Como desenvolver o potencial criador**. 2. ed. São Paulo: Vozes, 1992.
- BLOG ELAINE ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO. Disponível em: <http://elaineaee.blogspot.com.br/2011/11/atendimento-educacional-especializado_9641.html>. Acesso em: 04 abr. 2013.
- BRASIL. **Educar na Diversidade**. Brasília, DF: MEC/SEESP, 2003.
- _____. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, DF: MEC/SEESP, 2008.
- CORREIA, L. de M. “Problematização das dificuldades de aprendizagem nas necessidades educativas especiais.” **Revista eletrônica Análise Psicológica**, v. 2, n. 22, p. 369-376, 2004. Disponível em: <<http://jpn.icicom.up.pt>>. Acesso em: 23 set. 2010.
- GARDNER, H. **Estruturas da mente: A teoria das inteligências múltiplas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- _____. **Inteligência: um conceito reformulado**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- KOCH, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.
- MAPAS MENTAIS. Disponível em: <http://www.mapasmentais.com.br/mode-los/inteligencia/mm_edu_inteligencias_multiplas.htm>. Acesso em: 04 abr. 2013.
- NAKANO, T. de C.; WECHSLER, S. M. Identificação e avaliação do talento criativo. In: FLEITH, D.; ALENCAR, E. M. L. S. **Desenvolvimento de talentos e altas habilidades**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- RENZULLI, J. S. O que é esta coisa chamada superdotação, e como a desenvolvemos? Uma retrospectiva de vinte e cinco anos. Tradução Susana Graciela Pérez Barrera Pérez. **Revista Educação**, Porto Alegre, ano 27, n. 1, p. 75-121, jan./abr. 2004.

Renata Gomes Camargo, Soraia Napoleão Freitas

ROTTA, N. T. Dificuldades para a aprendizagem In: ROTTA, N. T. et al. **Trans-tornos da Aprendizagem Abordagem Neurobiológica e Multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

VIRGOLIM, A. M. R. **Altas habilidades/superdotação encorajando potenciais**. Brasília, DF: MEC/SEESP, 2007.

YUS, R. **Educação integral**: uma educação holística para o século XXI. Tradução Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Recebido em 30 de outubro de 2012

Aceito em 20 de março de 2013